

Tales Faria

A CPI do Master neste momento não interessa aos políticos

A revista Veja deste final de semana noticiou que o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), é citado em delação do dono do banco Master, Daniel Vorcaro. O ex-banqueiro teria contado à Polícia Federal que fez um pagamento a Alcolumbre de US\$ 30 milhões, equivalentes a R\$ 155 milhões. Vorcaro, segundo a revista, teria falado também do PT da Bahia, especialmente do ex-governador Rui Costa, que até recentemente era o poderoso chefe da Casa Civil.

Noutros tempos, uma fala dessas seria motivo de sobra para a instauração imediata de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). daquelas bem ruidosas. Mas agora não é bem assim. Estamos às vésperas de eleições gerais, com quase todos os partidos envolvidos com Daniel Vorcaro. Uns mais, outros menos, mas quase todos, envolvidos.

Além disso, na Câmara, já foi protocolado pelo deputado Rodrigo Rollemberg (PSB-DF), no dia 2 de fevereiro, um pedido de CPI sobre o assunto com as assinaturas suficientes para a sua instalação. O presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), avisou que seguirá estritamente o Regimento.

Seguindo o Regimento da Câmara, teriam, antes, que ser instaladas as 15 CPIs sobre outros temas cujos pedidos já foram protocolados. Só uma canetada do presidente da Casa furaria a fila. E Motta deixou claro que não está disposto a isso.

No Senado, bem, no Senado a instauração da CPI depende do despacho de Davi Alcolumbre. Exato: daquele que supostamente está sendo delatado por Vorcaro e, portanto, não teria o mínimo interesse.

A maior parte dos parlamentares procurados

pela coluna ou preferiram não se pronunciar, ou falaram em caráter reservado. Mas o líder do PL no Senado, Carlos Portinho (RJ), falou. Assim como o ex-líder do PT, senador Humberto Costa (PE).

Deu para notar que a não instalação da CPI é um dos poucos assuntos em que governo e oposição concordaram nesta legislatura. A coluna perguntou se desta vez a CPI sai, diante da delação noticiada pela Veja.

Carlos Portinho disse: “Não acredito e não teria quórum nesse momento eleitoral. Se festas juninas esvaziarão o congresso na próxima semana, imagina as eleições e o recesso [parlamentar de meio de ano]. Isso é uma constatação natural de quem vive no Congresso há anos e sabe como é a rotina. Até porque a investigação com André Mendonça [ministro do Supremo Tribunal Federal (STF)] e a PF avança.”

Humberto Costa argumentou: “Acho difícil que ocorra por conta desse negócio da Veja, apesar de ser muito grave. Porque envolve Supremo, envolve um bocado de gente, muitos parlamentares. Então não sei se acontece essa CPI. Além do mais, ainda estamos muito em cima da eleição. Fazer uma CPI no período da eleição é uma coisa meio difícil. Eu acho difícil.”

Vale lembrar o que disse o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato à Presidência, quando o Intercept Brasil revelou que pediu dinheiro a Vorcaro para o filme Dark Horse, sobre seu pai. Ele subiu à tribuna do Congresso acompanhado de um punhado de deputados e afirmou: “Mais que nunca é necessária a instalação da CPI do Master.”

Pois é. Vai ficar por isso mesmo.

Fernando Molica

O mercado comum dos jogadores

Alguns jogadores da seleção brasileira são como aqueles agregados — genros, cunhados — que surgem, aparentemente do nada, em uma festa de família.

É como descobrir que o grandalhão grudado no cooler de cerveja é casado com uma tia e especialista em musgos de tundras alpinas; que o baixinho míope mexicano plantado diante do bar de caipirinhas namora sua sobrinha e é doutor em língua cuitlateca.

Aquele louro troncado, que fica o tempo todo de chapéu e não sai de perto da churrasqueira, é filho caçula de um tio, saiu de casa ainda adolescente, mexe com uns negócios misteriosos numa área de fronteira que vai do sul do Paraguai ao norte da Bolívia — é melhor não puxar assunto com ele sobre assuntos como Polícia Federal, Faria Lima e Banco Master.

Mas todos são da família, assim como o Ibañez e o Igor Thiago, primos a quem fui apresentado nos últimos dias. Nada contra a chegada de novos parentes ou à convocação de jogadores que pouco atuaram no Brasil, que foram muito jovens para o estrangeiro.

Alguns deles, que jogam em clubes ingleses ou espanhóis, continuam a fazer parte da rotina de muitos brasileiros que os veem pela TV. Outros são mais conhecidos pelas caras expostas no álbum de figurinhas da Copa, fazem carreira em países fora do circuito Elizabeth Arden do futebol, como Rússia e Arábia Saudita. Eles, claro, têm todo o direito de exercerem sua profissão.

A globalização e os lucros gerados pelo futebol

geraram meia dúzia de grandes e quase imbatíveis clubes e modificam o conceito de seleções nacionais. Estas, aos poucos, vão deixando de expressar características do futebol de seus respectivos países.

Camisas que antes representavam um conjunto de manifestações culturais — o drible brasileiro, o toque de bola argentino, o chuveirinho inglês, a retranca italiana, a organização alemã, a alegria camaronesa — vão sendo transformando em embalagens de produtos que usam a mesma fórmula.

Nesta Copa, 25 dos 26 jogadores de Curaçao nasceram nos Países Baixos; 19 dos marroquinos também viram a luz pela primeira vez longe do país que representam.

Não será surpresa caso, em um futuro próximo, camisas de seleções deixem, de vez, de traduzir um jeito de jogar bola em partes delimitadas do planeta. Nascidos como resultado da união de vizinhos ou de categorias profissionais, muitos clubes, hoje, não passam de marcas internacionais.

A criação de um mercado comum de jogadores faz com que estes sejam, desde a base, treinados para atender expectativas do negócio. Daí, tanto faz que tenham nascido ou crescido aqui ou lá longe; de um jeito ou de outro, acabarão incorporados à família que, assim, torna-se mais diversa e ampla.

A história mostra o risco representado pela exacerbação do nacionalismo, mas talvez ainda demore um pouco para nos acostumarmos que o determinismo geográfico e cultural que definia a formação de seleções passe a dar lugar a uma lógica apenas mercadológica. Enfim, bola pra frente.

EDITORIAL

Correio da Manhã: há 125 anos o jornal do Distrito Federal

Neste 15 de junho, o Correio da Manhã completa 125 anos colecionando várias histórias. Daremos início às comemorações durante o restante do ano, com a realização de uma série de eventos e atividades culturais que resgatarão o papel histórico do jornal. O primeiro deles é o lançamento da biografia e a exposição sobre a vida de Niomar Moniz Sodré de Bittencourt, a grande Dama da imprensa.

E em época de Copa do Mundo, não se pode negar sua mística com a Seleção Brasileira. Foi o jornal que, em 1953, promoveu um concurso para acabar com a camisa branca e dar ao Brasil o apelido de “Canarinho”, com a estreia, em 1954, da camisa amarela. Daí em diante, foi só alegria para o país do futebol, com cinco títulos de Copa do Mundo, várias Copas Américas e outras taças pelo mundo.

Além dessa há outras que podem ser lembradas pelo jornal ao longo dos séculos XX e XXI, como o noticiário de duas pandemias: a Gripe Espanhola em 1918 e a Covid-19 em 2020. A coroação e a morte da rainha Elizabeth II. A cobertura das copas de 1958, 1962, 1966 e 1970 e fez o adeus ao rei Pelé. A nomeação de 11 papas e a morte de dez. Os acontecimentos na Primeira e na Segunda Guerra Mundiais. A ida do homem à Lua e as disputas espaciais entre Estados Unidos e União Soviética. As ditaduras de Vargas e dos Militares, entre outros fatos da história nacional e mundial.

O Correio da Manhã também tem o seu lado político. Defendeu muitos candidatos à presidência do Brasil em detrimento de outros. O caso mais emblemático de sua história tem Artur Bernardes como personagem, com as cartas contra os militares, que, na época, não comprovaram se falsificaram ou não a assinatura do mineiro, que fora eleito presidente em 1922. Por vingança ou não, Bernardes proibiu a circulação do jornal por quase um ano, sob a justificativa de que estaria imprimindo o folheto clandestino “Os Cinco”.

Outro que deve ser lembrado foi na campanha para a deposição de João Goulart, de 1964, seguindo a linha de outros veículos no país. Porém, rapidamente mudou de posição e passou a criticar as medidas da ditadura militar.

Portanto, o Correio da Manhã é mais do que um jornal centenário e que atravessa gerações. É um veículo que possui e tem o primor de ser uma das grandes marcas da imprensa nacional. Por isso, celebrar esses 125 anos de trajetória é mais do que um marco, é a afirmação de que o noticiário nacional precisava ter de volta um jornal que dá os fatos de forma objetiva, com precisão e sem opinião.

Assim, comemorar esses anos de estrada é uma forma de dizer ao brasileiro que o primeiro jornal do Distrito Federal não perdeu o seu brio de antes e está com a mesma força de 1901, quando Edmundo Bittencourt fundou um veículo para ser diferente dos outros.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sâ e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.